

Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise

Fantasia

*Por Sandra Lorenzon Schaffa **

O termo fantasia indica uma noção central da Psicanálise. A expressão alemã *Phantasie* compreende a imaginação, o mundo imaginário, seus conteúdos, a atividade criadora que o anima : *das Phantasieren*, como sublinham Laplanche e Pontalis no seu *Vocabulário de Psicanálise*.

O mundo imaginário contempla o que existe como produto da imaginação: uma quimera, por exemplo. Imaginários são “estranhos entes engendrados ao longo do tempo e do espaço pela fantasia dos homens”, define *O livro dos seres imaginários* de Jorge Luis Borges. O escritor catalogou seres pertencentes às mitologias e literaturas de todo o mundo, invenções fantásticas extraídas da cabala, de Homero, Confúcio, Hesíodo, Kafka, entre outros. Imaginário é, pois, o que não tem existência real.

Uma tal oposição entre fantasia e realidade não se apresenta unicamente dentro do terreno da literatura fantástica; encontra inscrição no domínio psicologia clássica. Trata-se aí do conjunto de representações, crenças, desejos, sentimentos, através dos quais um indivíduo vê a realidade e a si mesmo. Distingue-se da percepção da realidade ou mesmo opõe-se a ela.

A originalidade da psicanálise freudiana consiste em reivindicar uma participação estreita entre o desejo e a fantasia. Freud usou a expressão *Wunschphantasie*: fantasia de desejo. A fantasia tem sua origem nas experiências precoces da sexualidade, as chamadas experiências auto-eróticas; origina-se no corpo erótico e busca satisfação através dele. A fantasia representa psicicamente a sexualidade infantil.

Pela sua origem inconsciente, sexual, a fantasia não se deixa reduzir a uma imagem, a uma temática, mas comporta um dinamismo próprio, um trabalho constante a partir da excitação. Seu dinamismo está no princípio dos processos da formação dos sonhos, dos sintomas e da atividade de vigília. Freud não separou a fantasia inconsciente (núcleo do sonho) dos sonhos diurnos (devaneio). Aquela, impedida de apresentar-se à consciência sob seus traços verdadeiros, consegue-o às custas de modificações e deformações (elaboração secundária) que a resistência da censura lhe impõe.

A fantasia possui uma organização fundamental que é a da busca da satisfação da pulsão através do seu objeto inconsciente. Pela sua ligação com o

desejo - este tem sua origem numa experiência de satisfação, mas sua atualização envolve um interdito -, a fantasia é o lugar de operações defensivas : operações de decomposição, deformação e combinação que estão presentes no trabalho do sonho. Freud viu no sonho e no delírio prolongamentos da fantasia. Concebeu também uma dimensão da fantasia irredutível ao vivido do indivíduo : as fantasias originárias. Reconheceu nelas a prevalência de estruturas trans-individuais típicas : cena originária, sedução, castração.

Pela sua função estruturante da vida psíquica, reconhecemos o conjunto da vida como determinado pela fantasia. No tratamento, o psicanalista dedica-se à adivinhar a fantasia subjacente aos pensamentos conscientes. Esse trabalho de desvelamento é inseparável da transferência, dos modos de ligação da excitação que a abordagem da fantasia suscita dentro da experiência analítica. O tratamento constrói-se pela exploração do espaço da fantasia. Trabalho reconhecido como essencial pelas escolas pós-freudianas. Lacan descreveu-o como “travessia da fantasia”.

* Sandra Lorenzon Schaffa é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.